

A ÉTICA NAS ESCOLAS DO DISTRITO FEDERAL, UM CAMINHO PARA NOVAS VIOLÊNCIAS?

Diogo Acioli Lima (UCB)
aciolidiogo@gmail.com

Conflitos interpessoais na instituição educativa: saúde, cidadania e mídia

Este estudo de casos múltiplos analisou, a pedido do Ministério Público de Brasília, cinco escolas públicas do Distrito Federal, focalizando as violências praticadas entre estudantes dos anos finais do ensino fundamental. Para tal análise, a Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade da Universidade Católica de Brasília (UCB) coletou dados junto a 783 alunos, 111 professores, oito policiais, dez membros dos CSE, cinco diretores e, por fim, 91 alunos nos grupos focais, neste processo foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, questionários e a observação com roteiro. Os resultados revelaram que a mídia e a família podem aparecer como incentivadores da violência, pois tendem a distorcer conceitos e tornar atitudes agressivas atos banalizados. Assim, a liquidez dos conceitos morais tende a tornar o ambiente escolar um forte recriador de violências.

Palavras-chave: inversão ética; violência escolar; mídia.

INTRODUÇÃO

No Distrito Federal e em seu Entorno a violência torna-se cada vez mais preocupante nos ambientes escolares. Percebendo esta realidade, o Ministério Público instituiu o Projeto de Segurança Escolar, com a intenção de criar órgãos internos direcionados para a promoção da segurança nas escolas. Os conselhos de segurança escolar são compostos por diretores, professores, funcionários da escola, alunos e seus pais ou responsáveis (BRASIL, 2004), de modo que toda a comunidade se responsabilize pela questão. Atendendo à solicitação daquele órgão, a Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade da Universidade Católica de Brasília (UCB) realizou uma pesquisa em estabelecimentos situados em diferentes graus de implantação do Projeto. Tal investigação incluiu a violência institucional praticada pela própria escola, a

violência entre discentes e docentes e – o foco do presente trabalho - as violências praticadas entre alunos e as relações éticas estabelecidas entre seus grupos e indivíduos.

No Brasil, a educação se mostra em uma faceta paradoxal, pois, deveria constituir em um processo de desenvolvimento da consciência de si e do outro, contudo, o que regula as relações entre os colegas de classe é a lei do mais forte. Assim, as violências nas escolas podem gerar graves consequências, como um arquétipo educacional falido, distorcendo muitos referenciais morais e culturais (PINO, 2007). Com isso, compreender essas violências e atuar em seus contextos, visando a diminuir os danos causados por elas, passa a ser uma necessidade urgente, para os alunos e para toda a sociedade.

Partindo desta premissa, torna-se um desafio incluir na consciência dos jovens a não banalização da violência, pois, quanto mais frequentes os comportamentos violentos nas escolas, mais eles se banalizam. Os grupos de alunos se confrontam constantemente em busca de dominação do território escolar e fora dele. Os “senhores” e “escravos” nos papéis de atores escolares trocam de função o tempo todo na busca pelo poder. Para Leres (2002) os termos “senhor” e “escravo”, na perspectiva hegeliana, mostram o “senhor” como forte opressor social e o “escravo” como oprimido. Este jogo de dominações se desenrola principalmente no âmbito das consciências, contudo, estas relações de dominação podem aflorar em um plano fenomenológico e, quando o mesmo não possui uma sólida estrutura moral, as violências tomam conta do ambiente.

Movido pelo objetivo de compreender as relações de dominação em uma perspectiva ontológica, Hegel (2003) destaca a luta entre as consciências, onde duas consciências para-si travam uma batalha mortal a todo instante, buscando uma afirmação de si mesma na consciência para-si. Estas violentas batalhas de vida e morte determinam quem surge como “senhor” ou “escravo”.

Tal consciência, que se encontra como consciência de si, aparece muito além de um puro conceito: ela é uma consciência para-si, mediada consigo mesma por outra consciência. Esta guerra de consciências projeta o “senhor”

em uma relação com a coisa enquanto tal, objeto do apetite, e também a consciência cujo caráter principal é a coisa externa (LERES, 2009). O “senhor”, enquanto conceito da consciência de si, torna-se uma relação imediata com o ser-para-si, mas é também concomitantemente mediação, o seu ser-para-si só se faz por meio do outro, relaciona-se com os dois e com cada consciência por intermédio da outra (HEGEL, 2003, p. 145).

O projeto de consciências pensado por Hegel não inclui o aspecto moral contemporâneo, pois fica engendrado apenas no nível das consciências. Assim, Nietzsche (2006), em seu livro *A Genealogia da Moral*, percebe o processo de dominação de forma diferente, pois, em determinado momento da história, o homem inclui a moral na ótica da dominação. Com efeito, a moral cristã de culpa e ressentimento inverte o processo natural da dominação, pois o “escravo”, introjeta a culpa no “senhor” e este se torna o “escravo” da relação, acreditando que sua força natural é um ato imoral. Assim, os “escravos” dominam as relações fenomenológicas de disputas de poder, aparecendo como o “senhor”, devido à inversão imposta pela moral nos fenômenos.

Esta inversão proposta por uma moral medieval pode gerar consequências devastadoras no âmbito social. O princípio de que o domínio deve vir do mais forte é intuitivamente natural, mas, na doutrina democrática, quem assume o poder é quem tem o apoio da maioria. Isto é fundado exclusivamente na presunção de que os numericamente maiores tornam-se mais fortes que a minoria. Parece algo brutal, mas pode ser natural, pois o governo do fraco tende a ser mais opressivo que o do forte. O “escravo”, quando assume o poder, tem consciência de sua fraqueza e insegurança e, para que isso não fique visível aos olhos do outro, a injustiça, o excesso de violência e a imposição do medo se tornam as armas de controle (D’ORS, 1998, p. 118).

Com a inversão e liquidez da moral contemporânea, os jovens se encontram perdidos e sem um norte ético a seguir, assim, os alunos travam agressivas batalhas em prol da imposição de suas éticas e conceitos que se manifestam como algo efêmero. Esta volatilidade ética pode ser sustentada em

um tripé composto pela família, mídia e o consumismo. Assim, os veículos midiáticos podem aparecer como estimulantes ou construtores de realidades na formação do caráter dos estudantes, definindo o que pode parecer certo e errado para eles (ANDERSON et al., 2003). Este possível impacto da mídia pode ser caracterizado como uma construção da razão de forma metonímica, onde, segundo Santos (2007), o conhecimento do mundo sofre um forte reducionismo e o conceito de totalidade é estruturado de partes homogêneas. Tudo o que ficar de fora desta realidade restrita, construída pela mídia e pelo consenso social, não vale como algo a ser percebido ou vivido.

A família pode aparecer como um formador constante dos valores morais nos estudantes. Neste caso, muitos jovens tendem a transmitir e reproduzir sem nenhum critério ético-reflexivo o que presenciam em casa, levando para o ambiente escolar mais violência e medo (ARMENTA et. al., 2008). Somado a estes fenômenos, o consumismo aparece como outro pilar do aumento das violências nas escolas. Consumir torna-se a ordem do dia, fazendo a sociedade levantar um conceito de dualidade, sujeito-objeto e consumidor-mercadoria, transformando os alunos em mercadorias a serem consumidas a todos os instantes (BAUMAN, 2008, p. 31). A tentativa de um comportamento moralmente correto, mesmo sem um norte ético solidificado, entrelaça o consumismo e a violência a todo o momento, tornando a escola uma passarela de comportamentos violentos.

Percebendo a urgência em se compreender a ética e a violência que se instauram nas escolas do Distrito Federal, a presente pesquisa tem como objetivo compreender e analisar a nova perspectiva moral como geradora de nos anos finais do ensino fundamental e, identificar a escola como possível local de produção de violências.

METODOLOGIA

A pesquisa em que este trabalho se baseia focalizou cinco escolas públicas urbanas do Distrito Federal, escolhidas intencionalmente por se

encontrarem em diferentes estágios de implantação de um projeto de segurança. Sendo estabelecimentos onde a violência era grave, não representam a situação da rede. Tendo natureza qualitativa-quantitativa, além de caráter descritivo e exploratório, a pesquisa utilizou como técnicas de coleta de dados, a observação, entrevistas de grupo focal com alunos; entrevistas semi-estruturadas individuais com diretores, membros dos conselhos de segurança escolar – CSE - e policiais, além da aplicação de questionários a professores e alunos. Foram focalizadas as turmas do sexto ao nono ano do ensino fundamental e de aceleração da aprendizagem dos turnos diurnos. Os pesquisadores foram alunos voluntários de Pedagogia, Psicologia e Direito, além de mestrandos em educação da Universidade Católica de Brasília. Todos foram capacitados não só para a coleta de dados, mas também para a sua organização e análise, sendo acompanhados ao longo de todo o processo. Ao todo coletaram-se dados junto a 783 alunos, 111 professores, oito policiais, dez membros dos CSE, cinco diretores e, por fim, 91 alunos nos grupos focais. A coleta de dados ocorreu em abril e maio de 2008.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A violência, na contemporaneidade, não mais se envolve em um manto negro de moralidade como afirmava o projeto medieval e moderno. Agora, ser violento pode ser sinônimo de status e dominação. Nietzsche (2006), afirmou uma inversão ética ocorrida na idade medieval, onde o “ruim” se torna “bem” e o “forte” se torna “mau”, com efeito, na pós-modernidade a globalização e fragmentação das perspectivas também distorcem valores, não apenas relacionados ao aspecto lingüístico, mas relativos também à banalização.

Neste caso, a mídia exerce um grande poder na construção dos valores éticos dos jovens estudantes. As violências mostradas pelos veículos de comunicação são tão abundantes e sem sentido que, ao apresentar-se como realidade para os jovens, já não causa mais espanto algum, muito pelo contrário,

transforma-se em motivo de orgulho para muitos estudantes (LIPOVETSKEY, 2006, p. 73). Esta grande influência que a mídia exerce sobre os jovens pode ser encontrada na fala de uma aluna da Escola 2:

“... Eu acho assim, existe violência pela televisão, pela internet, porque as crianças, hoje em dia tão muito ligada em televisão e tudo que eles pegam pela televisão eles imitam...”.

Na Escola 3, o panorama parece o mesmo: “... *Muitos alunos veem filmes de luta e ficam brincando de briga na hora do recreio, de vez em quando sai uma briga de verdade...*”. Assim, os veículos midiáticos podem aparecer como estimulantes ou construtores de realidades na formação do caráter dos estudantes, definindo o que pode parecer certo e errado para eles (ANDERSON et al., 2003). Basta perceber que as violências neste veículo de comunicação não possuem um direcionamento estruturado para a ética da não-violência, pois, em desenhos e filmes a violência faz parte do arsenal de mocinhos e bandidos, justificando um possível uso de atos violentos

Juntamente com a influencia midiática, as famílias também contribuem de maneira substancial para que as violências se tornem banalizadas. Muitas veze os exemplos de casa são levados as escolas, como relatou uma estudante da escola 2: “*Dentro de casa o pai bate na mãe, eles acham que é bonito...*”. Assim, durante o processo educacional em família, muitos valores podem aparecer de forma distorcida, pois, se a violência é comum e banalizada o estudante tende a achar que pode ser natural agir daquela forma, levando muita violência para dentro das escolas (ARMENTA et. al., 2008).

Partindo da percepção de Hegel (2003), o homem naturalmente trava batalhas de vida ou morte pela dominância de uma perspectiva, contudo este processo é natural e não envolve um invólucro moral. Quando Nietzsche (2006) se debruça sobre o processo de dominação, percebe a inversão moral imposta pelo pensamento ressentido do “fraco”, que coloca no forte um sentimento de culpa. Na atualidade, a mídia e a família ajudam neste processo, muitos jovens

usam da violência como um meio para inclusão social e aquisição de status, como relatou uma aluna da Escola 1: “ *As meninas gostam é dos garotos que picham e brigam, elas disputam eles porque são mais populares...*”.

Este relato sugere que muitas vezes a violência pode nascer da vontade de se tornar popular. Segundo Laurens (2006), a televisão impõe um padrão moral onde a violência justifica as “boas” atitudes. Até os “mocinhos” dos filmes usam a violência a todo o momento, sugerindo, assim, uma justificativa muitas vezes inconsciente para a utilização das violências, como se os fins justificassem os meios.

Neste sentido, a perspectiva banalizada de violência dos alunos pode se manifestar no clima escolar. Quando os estudantes foram perguntados a respeito do clima na escola 50,7% concordaram muito e um pouco que o clima da escola era muito agradável, 28,2% discordaram um pouco e muito e 19,7% não concordaram nem discordaram. Na perspectiva dos professores, 87,4% dos professores concordaram muito e um pouco que o relacionamento com os alunos é bom. Apenas 4,5% afirmaram que não se relacionavam muito bem com os alunos e 6,3% não concordaram nem discordaram.

Contudo, O bom relacionamento sugerido pelos professores em relação aos alunos poderia indicar que o clima escolar é muito bom. Contudo, quando perguntados sobre as brigas nas escolas, 66,7% dos docentes discordaram um pouco ou muito que na escola não houvesse brigas. Cerca de um quarto, 25,2%, concordou muito e um pouco de que não havia brigas nas escolas e 8,1% não concordaram nem discordaram. Comparando os dados dos questionário dos alunos com os dos professores, surgem indicativos de que as relações aparentemente são boas, no entanto, a visão de um bom clima pode entrar em contradição com a observação das violências no interior da escola presenciada pelos pesquisadores.

Indo contra os resultados do questionário dos alunos, em relação ao clima escolar e à percepção de violências no bairro, uma aluna da Escola 5 afirmou: “*Na semana passada uma menina trouxe uma faca ou um estilete,*

não sei... saiu até sangue na briga...”. Na Escola 2, o panorama não se mostrou diferente no grupo focal, como afirmou uma estudante: “...as brigas aqui acontecem quase todo dia, é normal...”. Quando os alunos foram perguntados diretamente se não há brigas nas escolas, 55,3% discordaram um pouco e muito, 13,2% concordaram muito e um pouco, 10% não concordaram e nem discordaram e 17% anularam de alguma forma a questão.

Para os estudantes, a cultura das ruas, seja ela violenta ou não, pode exercer grande fascinação nos jovens e esta mesma cultura possivelmente será levada para o ambiente escolar (VAN, 2000). Muitas vezes esta cultura das violências pode apresentar muitos paradoxos, tornando o comportamento violento algo normal e banal.

Fica clara a discrepância nos resultados obtidos a respeito das perspectivas de violências. A relação entre o declarado bom clima escolar e a violência contida no mesmo pode ser caracterizada pela banalização dos comportamentos violentos, fazendo as mesmas tão comuns aos olhos de quem as vê que podem se tornar quase invisíveis (LIPOVETSKEY, 2007, p.190).

Na pós-modernidade, caracterizada como líquida, por Bauman (2007), os conceitos se mantêm extremamente instáveis, mudando de forma e valor assim que tenta se alcançá-los. A violência não foge a regra, pois, para os alunos ela age como um camaleão, se camuflando por trás das situações em que ela se encontra, e dificultando uma construção sólida do conceito moral da violência. Transformada em um caminho para a socialização e aumento do status. Neste sentido, a inversão ética imposta pela mídia e pela família, pode transformar as escolas em um grande produtor de violências.

CONCLUSÃO

Compreender a violência contemporânea que emerge nos ambientes escolares, fundamenta-se em uma difícil missão, pois, com a banalização da mesma pela mídia e pelas famílias, atos violentos tornam-se corriqueiros e muitas

vezes até invisíveis moralmente para os estudantes. A espiral banal das violências escolares ganham força quando a escola se transforma em um território paradoxal, onde ser violento não é estar contra as leis e sim dominá-las. Neste sentido a escola tanto importa violências, quanto processa e exporta, distorcendo valores e anabolizando as atitudes agressivas.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, C. A. (et al). The influence of media violence of youth. **American psychological society**, v. 4, nº 3, p. 81-110, dez. 2003.

ARMENTA, M. F.; SING, B. F.; OSORIO, N. C. Problemas de conducta en niños víctimas de violencia familiar: reporte de profesores. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 13, n. 1, abr. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2008000100001&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 06 fev. 2009. doi: 10.1590/S1413-294X2008000100001.

BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
_____. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em , mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BRASIL. Ministério Público da União. Ministério Público do Distrito Federal e Territórios. Departamento de Modernização Administrativa. **Projeto Segurança Escolar**. Brasília: MPDFT, 2004 (fotocopiado).

D´ORS, Á. **La violencia y el orden**. Madrid: Criterio-libros, 1998.

HEGEL, G.W.F. **Fenomenologia do espírito**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

LAURENS, J.-P. A violência escolar entre mídia e realidade. **Revista FAMECO**, Porto Alegre, v.1, nº 29, p.77- 86, abr. 2006.

LERES, G. Três escravos. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, dez. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?Script=sci_arttext&pid=S1516-14982002000200002&lng=pt&nrm=ISO>. Acesso em: 06 fev. 2009. doi: 10.1590/S1516-14982002000200002.

LIPOVETSKY, G. **A felicidade paradoxal**: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

NIETZSCHE, F. W. **Genealogia da moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PINO, Á. Violência, educação e sociedade: um olhar sobre o Brasil contemporâneo. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302007000300007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 jun 2008. doi: 10.1590/S0101-73302007000300007.

SANTOS, B. S. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

VAN ZANTEN, A. Cultura da rua ou cultura da escola?. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 26, n. 1, jan. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022000000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 4 set. 2009. doi: 10.1590/S1517-97022000000100003.